

LEGUMINOSAS

ESCRITO POR:

HIVAN MARTINEZ

CAPÍTULO 06



CENA 1 – MANSÃO CHAISNER/SALA/INT./NOITE

A cena inicia-se revelando uma enorme sala toda feita de mármore, tudo sofisticado, o sofá que cruzava o cômodo, e no centro a pele de um urso autêntico. Sons de salto ecoavam o lugar, dando a entrada a Alita, ela está linda usando um vestido preto, em uma de suas mãos ela carrega uma taça de champanhe, ela caminha até um homem que está sentado no sofá, quando ele a vê se levanta para recebê-la.

Kuller Chaisner aparenta ter pouco mais de 50 anos, é um homem rico e elegante, ele está usando um terno cinza, ele se aproxima de Alita e beija sua mão.

KULLER: Que honra recebê-la em minha casa.

Alita toda sorridente, abraça Kuller.

ALITA: Queria poder dizer o mesmo.

KULLER: O que aconteceu?

Alita bebe um gole do champanhe, e em seguida solta a taça sobre a mesinha, ela levanta e vai até o balcão onde folheia algumas páginas de uma revista onde tinha como destaque a tragédia que tinha cercado a família Camparine.

ALITA: Como imaginávamos, o Dicário parece um empecilho para nossos planos agora.

KULLER: E o que está pensando em fazer?

ALITA: Eu nunca pensei que depois de toda essa tragédia meu irmão ainda quisesse assumir a empresa.

Alita mostra-se preocupada, e Kuller vai em sua direção, ele acaricia os cabelos da jovem.

KULLER: O que aconteceu com sua família foi uma tragédia terrível, e tu acima de tudo é uma guerreira por estar superando isso com mais maturidade que seus irmãos, eu vejo a verdade em seus olhos, realmente vender a empresa nesse momento é a melhor coisa que vocês podem fazer.

ALITA: Sim, mas não sei o que fazer pra convencer o Dicário.

KULLER: Então imagino que esse deve ser o motivo da sua visita?

ALITA: Sim, queria que tu falasse com ele, afinal tu é o pai biológico dele.

KULLER: Tudo bem, eu falo com ele.

Alita suspira aliviada, os dois continuam conversando e a cena escurece.

CENA 2 – HOSPITAL/QUARTO/CORREDOR/INT./NOITE

Parecia que o destino já tinha traçado um futuro, mesmo que incerto para Jamaica, ela se recusava a aceitar qualquer coisa que estivesse acontecendo com ela. Era impossível saber as respostas que Jamaica procurava, pois nem ela sabia o que estava se

perguntando a si mesma, mas ela sabia que tudo poderia se resolver se ela encontrasse sua mãe biológica.

Um endereço e nome, era tudo o que Jamaica tinha naquele momento para encontrar sua mãe. Ela não sabia ao certo o que ia dizer a Leguma quando a encontrasse, talvez perguntaria porque ela a abandonou, mas não sabia se iria amar ela assim como ela amava Lunara, porque mesmo depois de tudo, Jamaica amava sua mãe adotiva, era algo natural dos filhos, e dos pais também, um amar ao outro, apesar dos erros, talvez aquela era a forma mais genuína do amor.

Jamaica se levantou, se livrou dos aparelhos e trocou de roupa, ela estava decidida a deixar aquele hospital, ela sabia que isso causaria um risco para sua saúde, mas ela não tinha mais certeza de que realmente queria saber o resultado do exame, afinal ela acabou descobrindo o tumor por um acaso, se ela não tivesse sofrido um acidente não iria ficar sabendo, até que começasse a sentir algum sintoma estranho. É estranho como as coisas funcionam na mente humana, a verdade dói, e a mentira conforta, e mesmo sendo apenas uma ilusão, Jamaica queria viver agarrada na esperança de que o tumor era benigno, ela preferia não saber o resultado, talvez se descobrisse que era maligno sua vida se tornaria um inferno constante a espera da morte, e se ela não soubesse ficaria apenas com uma incógnita, afinal a vida é uma incógnita.

Depois de trocar de roupa, sem chamar atenção, Jamaica desbravou o corredor, ela passou por alguns enfermeiros apressadamente, sempre encarando o chão para que não a encarassem cara a cara, e foi assim que ela fugiu do hospital, na verdade, foi mais fácil do que ela imaginava.

O subconsciente de Jamaica ainda dizia que ela deveria ficar, deveria tentar se tratar e buscar uma cura, mas algumas horas atrás ela tinha tentado tirar a própria vida, talvez ela não quisesse uma nova chance, e mesmo que tivesse, ela não iria querer vivê-la internada em um hospital fazendo quimioterapia, era cruel demais pensar que poderia estar morrendo, ou talvez não, então era melhor viver com a dúvida e fazer tudo valer a pena a partir daquele momento.

CENA 3 – MANSÃO CAMPARINE/ESCRITÓRIO/INT./NOITE

Clara e Dicário conversavam, a detetive ainda explicava ao empresário o que ela havia descoberto.

CLARA: Como eu estava dizendo, eu consegui o endereço da mãe da Alita. Ela se chama Leguma e mora em um repouso no Rio de Janeiro.

DICÁRIO: Como conseguiu tão rápido?

CLARA: Essa Leguma, por algum motivo, teve 3 filhas, duas além da Alita, e todas elas foram dadas para a adoção, sendo que uma delas já tinha sido um dos meus casos de investigação algum tempo atrás, bem, não era bem sobre a Leguma, mas era mais sobre a família adotiva de uma das filhas dela.

Dicário fica pensativo a respeito.

DICÁRIO: Será que existe a possibilidade de Alita ter uma irmã gêmea?

Clara o encara com estranheza.

CLARA: Como assim?

DICÁRIO: Ah, nada não, é que como eu já tinha dito, a Alita tem um comportamento muito estranho, eu não to gostando nada disso, e eu preciso descobrir por quê.

CLARA: Já tentou falar com ela sobre isso?

DICÁRIO: Eu acho que não é o momento.

Clara suspira.

CLARA: Talvez o trauma que vocês estão passando pode ter mudado alguma coisa na personalidade dela.

DICÁRIO: Eu queria poder acreditar nisso, mas não acho que seja verdade, eu acho que só se eu conhecer essa Leguma eu terei as respostas que eu preciso.

Clara pega a agenda de Dicário, e nela escreve um endereço.

CLARA: Esse é o endereço dela, mas pense bem antes de fazer qualquer coisa, eu ainda acho que se tu conversasse com a Alita metade dos problemas seriam resolvidos, eu sei porque eu tenho anos de experiência investigando a vida das pessoas, e muitas coisas poderiam terem sido resolvidas com uma conversa.

DICÁRIO: Não se preocupe, eu agradeço muito pelo seu trabalho Clara, mas quero que continue seguindo minha irmã, quero ficar sabendo de cada passo que a Alita der.

CLARA: Como quiser.

Dicário pega um envelope e entrega a Clara.

DICÁRIO: Aqui está parte de seu pagamento, eu vou contar com seu trabalho.

Clara sorri recebendo seu pagamento, com um breve aperto de mão ela se despede de Dicário e sai. Ele permanece no escritório, ele encara do endereço num silêncio profundo, como contemplesse a verdade diante de seus olhos.

CENA 4 – PRESÍDIO/CELA/INT./NOITE

As duas presidiárias pareciam não ter trocado nenhuma palavra durante horas, quando Angélica finalmente decide iniciar a conversa.

ANGÉLICA: Então, Josi.

Josivalda faz uma expressão de aprovação por Angélica chamá-la por seu apelido.

ANGÉLICA: O que tu fazia da sua vida? Digo, no que trabalhava, quais eram suas ocupações.

Josivalda solta um sorriso.

JOSIVALDA: Parece uma entrevista de emprego.

ANGÉLICA: Desculpe se eu estou sendo muito formal, eu não quero parecer indelicada, e também acho que a gente vai ficar algum tempo dividindo a mesma cela, então seria bom a gente se conhecer um pouco.

JOSIVALDA: Tem razão. – Pausa. – Eu era prostituta.

ANGÉLICA: “Hm”.

JOSIVALDA: Eu sei, não é uma coisa que eu me orgulho, mas era a única coisa que me restava quando fui expulsa de casa.

ANGÉLICA: Nossa, porque seus pais faziam isso?

JOSIVALDA: Na verdade minha mãe. – Ela suspira. – Eu não a culpo, quando eu tinha dez anos de idade meu pai morreu, alguns anos depois minha mãe casou de novo, meu padrasto me seduziu, na época eu tinha uns dezesseis anos, vou confessar que eu gostava dele, minha mãe nos flagrou na cama.

ANGÉLICA: Deve ter sido terrível, eu nem consigo imaginar.

JOSIVALDA: É, eu fui expulsa, e sem ter pra onde ir acabei indo pras ruas, o triste é usar essa mesma desculpa pra continuar no mundo da prostituição, por mais que eu tenha tentado, jamais surgiu um emprego digno pra mim, foi por esse motivo que eu comecei alguns anos na faculdade, hoje sou formada em História, e pelo menos para alguma coisa o meu diploma serviu.

Josivalda sorri e Angélica também.

ANGÉLICA: Nossa, foi a mesma coisa que eu pensei quando fui presa.

JOSIVALDA: E tu? Qual é a tua história?

ANGÉLICA: A minha história... Bem, a minha vida foi regada de privilégios, minha família é rica, e meio que eu sempre tive tudo o que quis durante toda a minha vida.

JOSIVALDA: Nem consigo imaginar uma coisa dessas.

As duas soltam gargalhadas, e continuam conversando, a cena escurece.

CENA 5 – CASA DE JOCASTRO/SALA/INT./NOITE

Jocastro e Lunara jantavam quando alguém bateu na porta. Jocastro levanta.

JOCASTRO: Pode deixar que eu abro meu amor.

Ele caminha até a porta e a abre revelando Jamaica. Ela está com uma expressão triste nos olhos e o encara.

JAMAICA: Aonde está minha mãe?

Ao ouvir a voz de Jamaica, Lunara corre rapidamente para a sala. Vendo sua mãe ali em sua frente foi inevitável conter as lágrimas, Jamaica correu em direção a ela e a abraçou em lágrimas.

LUNARA: Minha filha... Me perdoa, me perdoa.

Uma emoção tomou conta de Lunara ao sentir o abraço da filha, era a sensação de como elas tivessem sido afastadas há muito tempo uma da outra. Jamaica sentiu o cheiro do perfume que Lunara usava, incrível que aquele perfume trouxe memórias de quando ela era criança, lembranças boas e felizes ao lado daquela mulher.

JAMAICA: Eu te perdôo.

Jamaica falava com verdade, mesmo com tamanha decepção, ela tinha tomado a decisão de falar o quanto amava Lunara, pois a amava, e também tinha medo de morrer com rancor no coração.

JAMAICA: Mãe, eu te amo.

LUNARA: Eu também te amo minha filha.

Um abraço carregado de emoção, era como se as lágrimas das duas se misturavam, estavam tristes, mas completas, como se tivessem matado o rancor e a decepção naquele exato momento.

Elas se separam do abraço brevemente.

LUNARA: Venha jantar conosco filha.

Com um sorriso no rosto, Jamaica foi.

CENA 6 – AMANHECER

Cenas da cidade do Rio de Janeiro.

CENA 7 – MANSÃO DELBRAVO/SALA DE JANTAR/INT./MANHÃ

A família Delbravo ostentava uma enorme mansão no Rio de Janeiro. Renata, Polli, Thasio e Sasha viajaram para a cidade para fazer uma visita a Leguma. Sasha foi na intenção de ajudar Polli, mas fazia parte de um elaborado esquema para que ela e Thasio pudessem ficar juntos.

Sasha empurra a cadeira de Polli até a sala, onde Renata está tomando café, novamente apressada.

SASHA: Fiquei impressionada com o estilo e sofisticação de sua casa.

RENATA: Obrigada Sasha, vou contar contigo para ajudar a Polli na limpeza, pode ser?

SASHA: Claro Renata, não se preocupe com isso.

Renata se levanta e leva a xícara até a pia.

RENATA: Agora eu preciso mesmo ir, antes que eu me atrase.

Renata dá um beijo na testa de Polli, se despede brevemente e sai.

SASHA: Nossa, a sua mãe trabalha muito.

POLLI: Ela sempre foi assim.

Sasha serve o café para Polli.

SASHA: Sabe, agora eu entendo o motivo do Thasio querer ficar contigo.

POLLI: Por causa do dinheiro?

Sasha solta uma gargalhada.

SASHA: Isso também, mas é que você é uma garota muito legal, eu gostei de você.

POLLI: Obrigada.

Polli serve sua xícara de café e as duas comem.

POLLI: E o Thasio?

SASHA: Ele ainda tá dormindo.

POLLI: Eu sei que minha mãe não viu, mas eu acho melhor de agora em diante vocês não dormirem juntos.

SASHA: Fala isso pra ele, foi ele que foi pro meu quarto de noite.

Polli suspira, as duas continuam a refeição em silêncio.

CENA 8 – MANSÃO CAMPARINE/ESCRITÓRIO/INT./MANHÃ

Dicário e Alita conversavam novamente, ela entregou novos documentos a ele e enquanto ele analisava a empregada entra após uma batida suave na porta.

EMPREGADA: Queiram me desculpar, mas tem um homem lá na sala querendo falar contigo, Dicário.

DICÁRIO: E de quem se trata?

EMPREGADA: Kuller Chaisner.

Dicário fica pálido no mesmo instante.

EMPREGADA: E então o que eu digo?

ALITA: Manda ele entrar.

DICÁRIO: Não! Eu não quero falar com ele.

ALITA: Que isso Dicário? Ele é seu pai.

DICÁRIO: Eu não quero falar com ele, durante todos esses anos ele jamais me procurou, e agora só porque está tentando comprar a empresa Camparine que ele está aqui.

ALITA: Mas eu acho que está na hora de vocês resolverem essas diferenças e conversarem.

Alita se levanta e olha para a empregada.

ALITA: Diga para ele entrar.

A empregada ainda olha para Dicário como forma de ainda pedir uma segunda opinião, afinal ainda se tratava sobre a vida pessoal dele.

DICÁRIO: Tudo bem, mande ele entrar.

A empregada sai, Alita se aproxima e beija no rosto de Dicário.

ALITA: Confia em mim irmãozinho, vai dar tudo certo.

Alita sai logo em seguida deixando apenas Dicário no cômodo a espera de seu pai.

CENA 9 – CASA DE JOCASTRO/SALA/INT./MANHÃ

Depois do café da manhã, Jocastro sai para o trabalho, Jamaica e Lunara ficam sozinhas.

JAMAICA: Eu to muito feliz pela senhora.

Lunara sorri com felicidade.

LUNARA: Eu também estou feliz por tu estar aqui.

JAMAICA: Mas eu preciso ir.

LUNARA: Vai pra onde? Não me diga que vai voltar para aquela casa.

JAMAICA: Não, mas eu preciso buscar por Leguma, minha mãe biológica.

Lunara suspira.

JAMAICA: Eu preciso saber os motivos dela, eu não sei, eu preciso conhecer ela.

LUNARA: Meu medo era esse, que tu sofresse com isso, e por isso também não queria contar a verdade, mas eu não vou te impedir.

Lunara vai até a bolsa e pega algumas notas de dinheiro da sua carteira.

LUNARA: Eu queria ir junto, mas não tenho dinheiro suficiente, me prometa minha filha, me prometa que vai voltar.

JAMAICA: Eu prometo.

As duas se abraçam emocionadas.

CENA 10 – PRESÍDIO/SALA DE VISITA/INT./MANHÃ

Angélica é conduzida até a sala de visitas onde sua advogada esperava por ela.

PETRA: Bom dia Angélica, como está?

ANGÉLICA: É, to tentando resistir a tudo isso.

Angélica caminha até a cadeira a sua frente e senta.

ANGÉLICA: Por favor, me diga que vai conseguir me tirar daqui pra que eu possa aguardar o julgamento em liberdade.

PETRA: Eu consegui quebrar o sigilo pessoal dos seus pais, eu fiz esse pedido judicialmente e consegui acesso as contas de email e redes sociais dos dois.

Ela entrega uma pasta cheia de documentos para Angélica.

PETRA: Eu estou bem animada, acredito que com essas novas provas eu vou conseguir seu Habeas Corpus.

Angélica analisa os documentos, de emails e mensagens trocadas.

ANGÉLICA: Então meu pai estava traindo minha mãe?

PETRA: Sim, e esse pode ser um dos motivos para que ele pudesse querer matar ela.

Angélica fica chocada ao ler aquelas mensagens, em seguida ela vê uma foto e seu coração dispara.

ANGÉLICA: O que significa isso?

PETRA: Algumas horas antes da festa, sua mãe recebeu anonimamente essa foto, onde comprovava que seu pai estava traindo ela.

Angélica começa a chorar, ela aponta para a foto.

ANGÉLICA: Essa mulher, foi ela quem matou meu namorado.

A cena foca na foto em que mostra Manoel Camparine na cama junto com Sasha Chaisner.

CENA 11 – REPOUSO DELBRAVO(RJ)/SALA/INT./MANHÃ

Renata entra e já é recebida por Alice, a mulher responsável pela administração da sede do Repouso de Cuidados Delbravo e CIA.

ALICE: Oi Renata, há quanto tempo.

Alice demonstra felicidade ao reencontrá-la depois de alguns meses sem Renata visitar a sede.

RENATA: Estou muito feliz em lhe ver.

Alice guia Renata pelas acomodações enquanto passa todos os dados administrativos que Renata precisa para seus relatórios.

RENATA: E a Leguma? Como ela está?

ALICE: Ela está bem, venha vou te levar até ela.

Renata segue Alice até um quarto.

ALICE: Vou deixá-las a sós.

Renata entra, ela vê uma mulher de costas sentada de frente para a janela, um suspiro, o coração apertado, carregado de histórias e emoções, lágrimas invadem o rosto de Renata.

RENATA: Leguma...

CENA 12 – MANSÃO CAMPARINE/ESCRITÓRIO/INT./MANHÃ

Dicário está sentado em sua poltrona, uma vez ou outra ele ajeita os documentos sobre a mesa, mesmo já estando tudo em perfeita ordem, parecia que aquele encontro o incomodava. Ele estava impaciente e nervoso, ele não sabia o que dizer ao seu pai biológico, foi quando a porta abriu-se e revelou Kuller.

Seu pai estava usando um terno preto e uma gravata com listras lilás com cinza, ele apenas o encarou com os olhos e o viu sentar em sua frente.

KULLER: Dicário precisamos conversar.

Dicário não sabia exatamente o que dizer apenas o ficou encarando em silêncio por alguns segundos.

A cena congela na expressão de nervosismo de Dicário.

CONTINUA...